

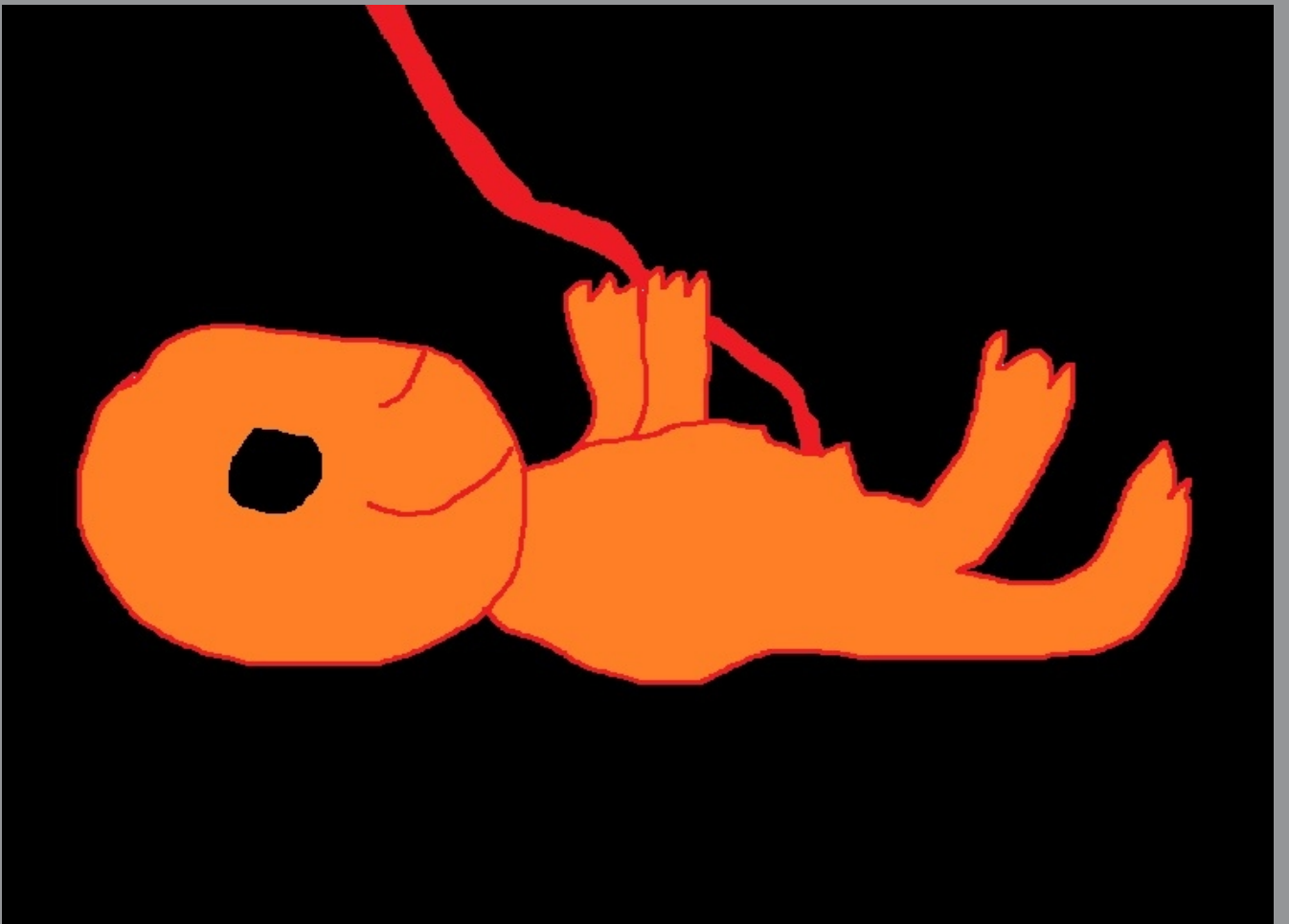
revista

# Parlante

ano I - nº 01 - março 2012 - edição especial

**Em casa com a poesia**





**O primeiro brinquedo  
De uma criança  
É o barbante umbilical.**

**Rosângela Trajano**



# Alegria de criança

**William Blake**

"Não tenho nome:  
Só tenho dois dias."  
Como te chamarei?  
"Sou feliz,  
Alegria é meu nome."  
Doce alegria te ocorra!  
Linda alegria!  
Linda alegria de só dois dias,  
Te chamo doce alegria:  
Tu sorris,  
Eu canto entretanto  
Doce alegria te ocorra!

# Das minhas brincadeiras com a poesia

Elaine Mourad

“Café com pão, café com pão... passa poste, passa pasto, passa ponte... oô...”

Os versos de Manoel Bandeira ecoam na minha memória e transportam-me para um tempo no qual a garotinha de franja e rabo de cavalo que fui, deliciava-se num passeio imaginário, a bordo de um trem de ferro, que passeava pelo interior, terra de seus antepassados.

Nunca fui muito compreendida nas minhas paixões. Ah, e como me apaixono! Desde menina!

Na primeira vez em que li este poema, quase senti o corpo trepidar ao sabor do balanço do trem. Li e reli várias vezes e meus colegas, vendo-me ali, absorta na leitura que foi solicitada, com olhar curioso, questionavam-me sobre o porquê de ficar “só lendo”, se poderíamos aproveitar os minutos concedidos pela professora para conversar. Eu bem gostaria de viajar com eles, mas sabemos que na vida há coisas que por uma razão ou outra, precisamos fazer sozinhos. Esta era uma delas.

Depois da viagem no “Trem de ferro”, galopei no lombo do “Cavalinho branco”, me perdi entre “As borboletas”, descobri que temos sempre que escolher entre “Isto ou aquilo”, brinquei com “O menino azul”, e por vezes, quase cai na “Casa”, muito engraçada que não tinha teto, não tinha nada.

Gostei tanto da brincadeira com as palavras, que queria tê-las todas para mim e confeccionei o meu primeiro caderno de poesias, onde as registrava com satisfação, decorando com flores e corações. Era meu passaporte para um mundo colorido, repleto de aventuras e sensações que não havia como descrever. Era meu mundo secreto.

É interessante olhar para o passado, pois observamos como se fôssemos outro espiando a vida alheia e, neste distanciamento, descobrimos intenções, sentimentos e razões pelas quais fazíamos ou fizemos determinada coisa, ou o que nos motivava e por quê.

Não havia naquela época tantas ofertas em livros infantis como vemos hoje e, na estante de casa, figuravam apenas os livros de meu pai, uma edição muito antiga com xilogravura na capa, de “Chapeuzinho vermelho”, “O Pequeno Polegar” e um já bastante surrado e rabiscado “Peter Pan”, que minha irmã mais velha orgulhava-se em lembrar que eram dela, embora gentilmente me emprestasse.

Não havia esta pretensão, mas certamente, confeccionei o meu primeiro livro infantil.

Talvez meu prazer em ler tenha começado assim.

Criança desconhece métrica, metonímia, onomatopeia, figuras de linguagem, metáforas e, até rimas, embora as perceba.

Para crianças, não é disso que são compostas as poesias, mas de ritmo, imagens, cores, sensações e sentimentos.

Penso que não apenas as poesias, mas tudo na vida nos faz sentido quando esbarra em memórias afetivas, conhecimentos e leituras de mundo convergentes, como numa trama de fios, na qual cada um deles é torcido e trançado a outros, formando uma linda rede de significados.

Muitas coisas preservo da minha infância, entre elas, esta paixão, este entusiasmo, principalmente pelo que me toca e arreata. Não me importo se diz “o protocolo”, que isto é sinônimo de ingenuidade, imaturidade ou fantasia. Acredito na beleza e no quanto ela é essencial à humanidade e, principalmente, adoro uma prosa, mas não imagino a vida sem poesia!







## Orlando Brandão

toco uma nota  
com olhos fechados  
e sinto a infância chegar novamente

ouço as notas voando  
da partitura do poema

nessas horas  
não há cordas de violão  
nem de violino  
que toque esse silêncio

longo

onde notas nem palavras chegam.



# PsIU!

## Piá Montenegro

Falo pra guria que pulula em minha alma. É sempre assim quando tenho que crescer e falar das “coisas de gente grande!” Tenho que aquieta-la com pedacinhos da lua para brincar. Ela pergunta se é brinquedo de acender?! Eu digo: Sim, brinca com ela nas noites! Eh, menina levada! Quer saber se pode trazer as estrelinhas que tem na caixinha de veludo, que guardara de noites passadas pela sua janela. Ela disse ofegante que as colheres com a peneira da mamãe. Pede segredo, eu sorrio, porque alma de pescador de estrelas não tem cura.

Agora, enquanto ela está distraída tentando descobrir onde liga a lua, aproveito a sua distração e venho deixar meu coração brincar de novo, nos versos de Cecília:

### **Sonhos da menina**

A flor com que a menina sonha

está no sonho?

ou na fronha?

Sonho

risonho:

O vento sozinho  
no seu carrinho.

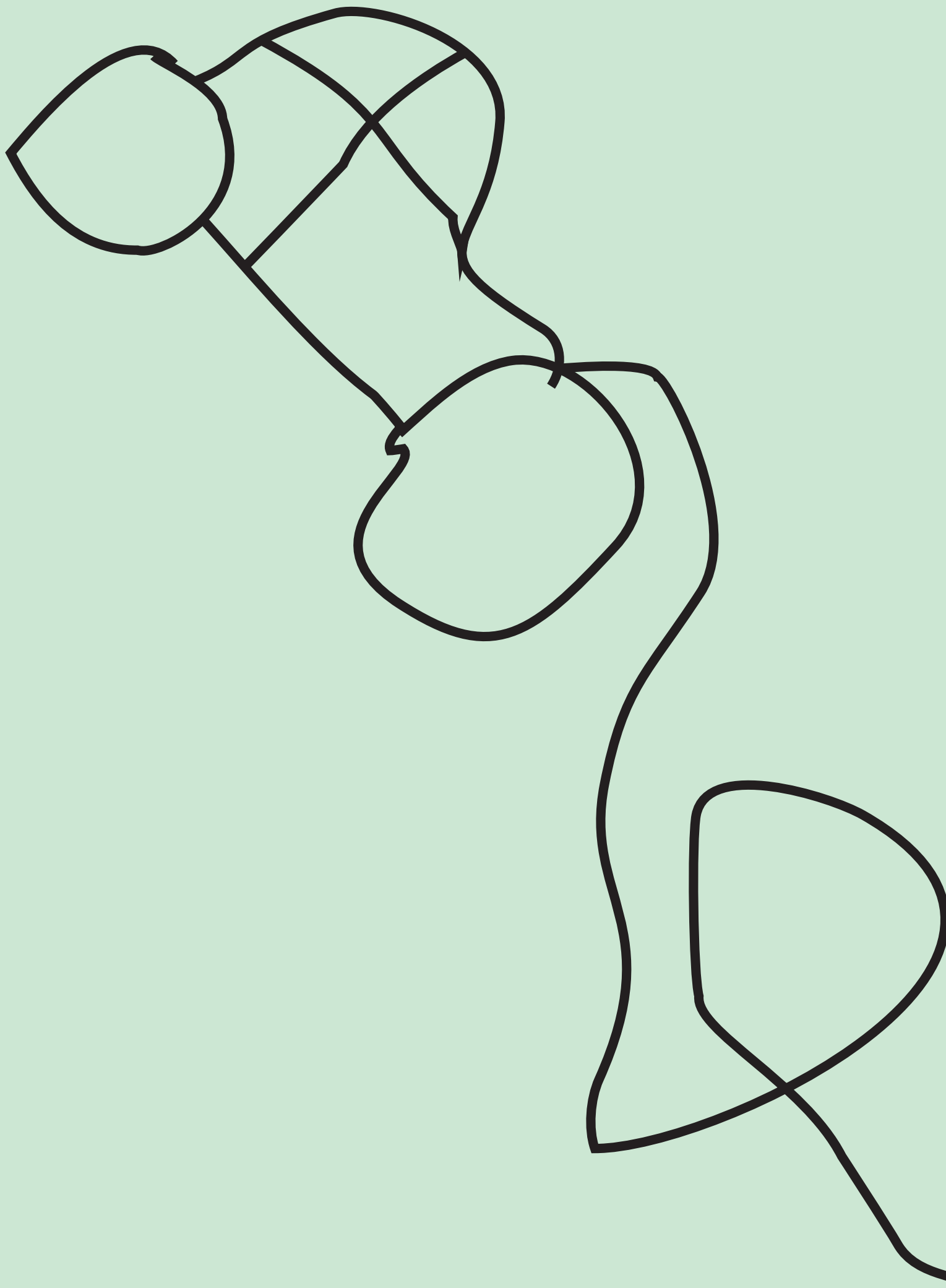
De que tamanho  
seria o rebanho?

A vizinha



Ah, esses versos me trazem gosto de pão doce à boca. Aqueles com espesso mingau de creme na cobertura, que eu me fartava nas tardes gaúchas da minha meninice!

Pronto, a lua acendeu! Ela vem me dizer, orgulhosa do feito. Puxa-me pelas abas da blusa, dizendo: Vem ver! Venha!!! Em meio aos tropeços, sou empurrada pra junto à janela. Ela me mostra a lua que pendurou no céu. Procuo os fios, mas minha vista já não consegue mais identificá-lo. Ela sorri e diz que não adianta que não vou ver porque aprendeu a ser mágica. Sim, ela é tão esperta e viva! Fico ali à janela a luz fazendo sombras prateadas em minha face. Pergunto-lhe como foi que conseguiu, ela diz que foi fácil, foi preciso apenas acender o pirilampo que eu tinha guardado, no meu quarto. Ora, então tu não sabes que as luas não têm luz própria? Sou menina que estuda, e professora me ensinou! Sorrio. Porque criadores de pirilampos não têm cura.





# Quando menino

**Ednaldo Guedes**

Quando menino,  
Corria, subia,  
Descia, crescia,  
Não tinha agonia.

Quando menino,  
Brincava, pulava,  
Cantava, gritava,  
Não tinha agonia.

Quando menino,  
Sorria, chorava,  
Andava, amava,  
Não tinha agonia.

Quando menino,  
Eu tudo sentia  
O tempo passava  
Só eu que não via.

Quando menino,  
Agonia era sono,  
Tomava um banho,  
E logo dormia.

# Sapo na Lagoa

**Ednaldo Guedes**

Na beira da Lagoa,  
Sapo canta ou assobia?  
Assobia ou canta,  
O sapo na lagoa?  
Na croa da Lagoa,  
Sapo canta ou assobia?  
Assobia ou canta,  
O sapo na lagoa?  
O Sapo na Lagoa,  
Na croa da Lagoa,  
Na beira da Lagoa,  
Canta ou assobia?  
Sapo na Lagoa,  
Assobia ou canta?  
Canta ou assobia?  
Perguntei por que não sabia.

# Coisa bonita

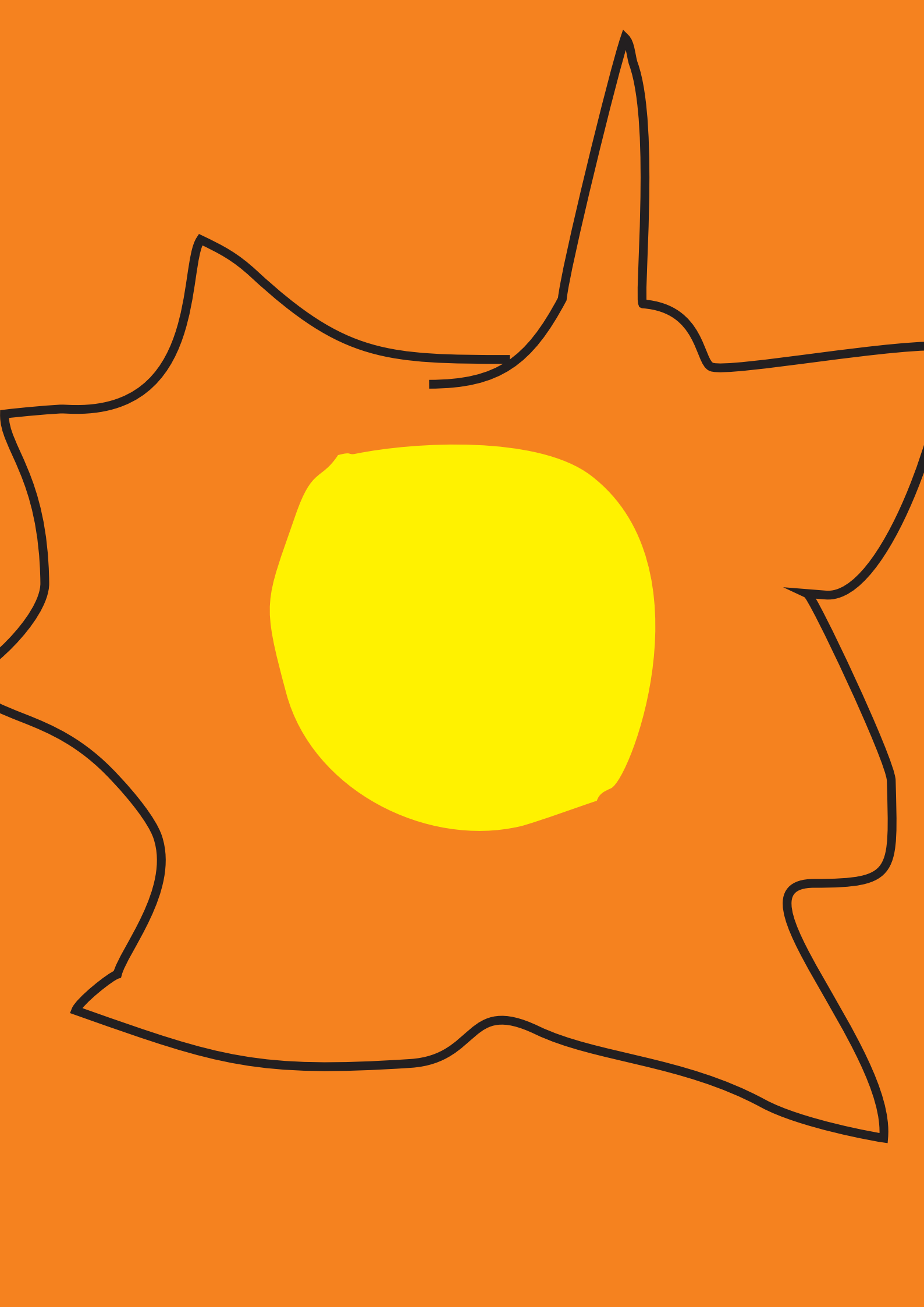
**Ednaldo Guedes**

Oh! Coisa bonita,  
Os pássaros a voar  
Trabalham livremente  
Adoram viajar.

Oh! Coisa bonita,  
Os pássaros a dançar  
Balançam suas asas  
Desfilam pelo ar.

Oh! Coisa bonita,  
Os pássaros labutar  
Constroem lindas casas  
No primeiro ou último andar.

Oh! Coisa bonita,  
Poder contemplar  
A verdadeira liberdade:  
Pássaros voar.



# A minha infância

**Maria Socorro**

A história da menina  
Que viveu sempre a lutar  
No frio da madrugada  
Seus sonhos a desfrutar  
Quando meu pai selava o burro  
Minha mãe nos acordava,  
É hora de trabalhar.

Com muito frio sentava no caçuá  
E de caminho afora  
Sob o orvalho da manhã  
Via novo dia começar.

Na luz do sol nascente  
Era só felicidade a rotina da gente  
E de caminho longão  
O canto dos passarinhos  
Enchia o coração  
Harmonizava o nosso olhar.

O bem-te-vi era tão lindo  
Seu canto de arrepiar  
Junto com os outros pássaros  
Faziam daquela mata  
Uma orquestra a encantar.

Na primavera  
O tempo que eu mais gostava  
Ao lado da minha casa  
Tinha um lindo jardim  
Todos os dias eu trazia borboletas para lá.

Suas cores abrilhantavam  
Aquele belo lugar  
As borboletas se misturavam  
Com o perfume das flores  
Ninguém queria se afastar.

Nunca esqueci que a tal felicidade  
Sempre estava a me guiar  
Ao ver o sol brilhar  
Aos pássaros cantar  
As flores desabrochar.

Só agradeço a Deus  
Pela linda natureza  
Que conheci quando menina  
E como sinto saudade  
Daquelas madrugadas  
Que tanto me encantavam  
E diziam algo de lá  
Com aquele lindo canto  
Quero lhes apresentar  
Bem-te-vi e sabiá.

## **Simplicidade**

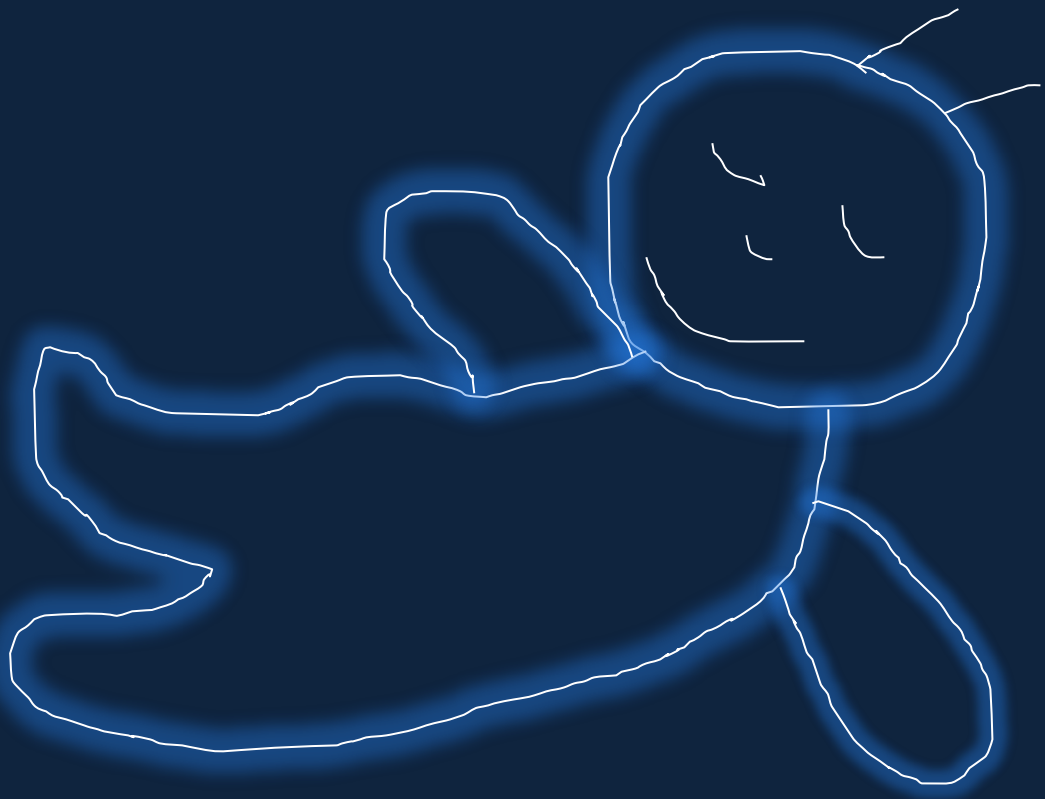
"A criança chorou.

[Eu, a ninei..

Ela

[dormiu..."

**Kleyton Morais**





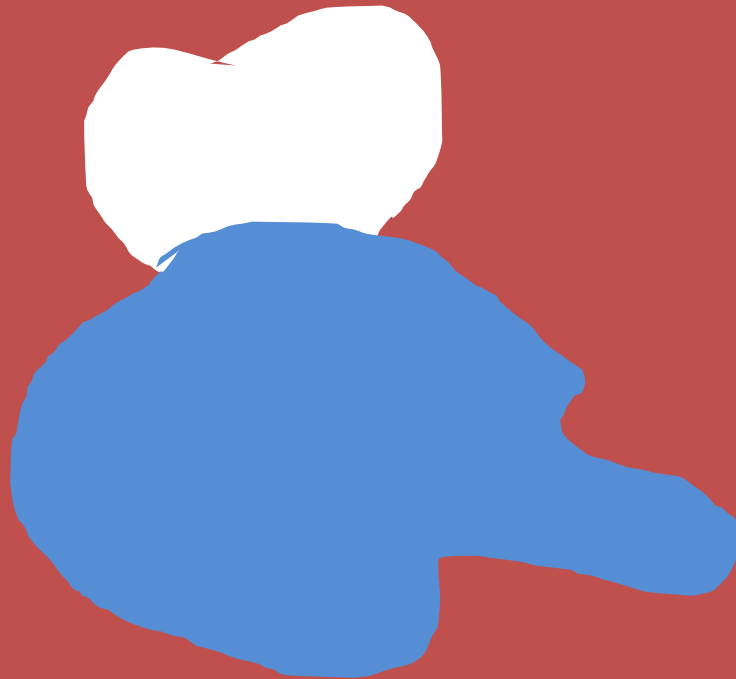
## **Tânia Lima**

Ela ia estudar  
quando dava por si  
bem, longe,  
no muro do faz de conta  
se distraía  
rabiscando  
versos.



## Tânia Lima

Antes eu pensava  
pensava  
brincava de pensar  
depois escrevia o que pensava  
e errava as ideias  
porque também errava  
o que escrevia  
trocava as figuras  
os objetos  
o sujeito oculto  
indeterminadamente  
o simples era o que eu queria  
e gastava a sobra no modo  
indicativo da rotina.



# Lápis Lazuli

**Tânia Lima**

lá se vai

minha professorinha

levando fadas

fábulas

lendas

fonemas

levando a alma

do mundo nas mãos.





# As Crianças Chatas

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho que está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome.

Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperada: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? - pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não agüento a resignação Ah, como devoro com fome e prazer a revolta.

(19 de agosto de 1967)

*Clarice Lispector*

## Por D'avelle Henrique e Rosângela Trajano

<http://mtv.uol.com.br/memo/29-mil-criancas-morreram-de-fome-nos-ultimos-90-dias-na-somalia> - 29 mil crianças com menos de 5 anos morreram de fome em menos de 90 dias, vejam a reportagem através do link.

“E ele está amedrontado demais para se queixar.”, verso do poema de Clarice Lispector acima. Medo é o que as crianças sentem hoje em dia. **Medo de ser criança.**

Medo de sair de casa, de perguntar, de sorrir, de reclamar, do escuro, de não atender as expectativas dos pais, de não aprender a lição da escola. Medo de voltar para casa ou de sair de casa, medo de ficar no meio do caminho.

Enquanto escrevemos esse pequeno texto já morreram de fome mais de mil crianças. **Crianças morrem de fome a cada minuto no mundo inteiro.** Não vamos para longe, África ou Índia, vamos ficar aqui no nosso país de tantos milhões de habitantes, tantas árvores frutíferas e crianças morrendo de fome.

Sim, as crianças são chatas porque pedem comida enquanto os pais assistem televisão ou conversam com os vizinhos. Crianças são chatas porque têm fome de comida e fome de pensamentos.

Ontem um caixãozinho do tamanho de nada passou pela rua e um de nós perguntou: morreu de quê, essa criança? A resposta veio rápida: “não foi de fome não, foi porque ele comia areia de manhã, de tarde e de noite. Mas vai ser anjo.” Em algumas pequenas comunidades virar anjo é coisa boa, morrer cedo é sinal de pureza, não sentiu nem conheceu as amarguras da vida, assim nos explicou a voz da sabedoria nos seus mais ou menos setenta e poucos anos. Será? Será que anjos não sentem fome, também? O certo é que crianças são chatas, porque a fome dói na barriga, na cabeça e do não saber porque veio para este mundo sentir fome.

Dói. Eu dou um prato de comida. Você nega. Eu dou um prato de comida. Você nega. Nós negamos atenção. Nós negamos compreensão. Comida é vida. Comer faz bem ao crescimento saudável. Mas as crianças são chatas porque têm fome e acordam, de madrugada, com a barriga reclamando da fome que vai destruindo a vontade de brincar, de sorrir, de ir ser pássaro e voar madrugada adentro nos sonhos.

Clarice Lispector falou bem ao dizer: “Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real.” Todos nós visualizamos cenas horríveis com crianças, diariamente. Seja a recusa de um prato de comida, seja uma pancada no rosto, seja um palavrão que a pobre criança nem sabe o que significa e depois sai repetindo com quem tem raiva.

A mãe da doçura passa a ignorância talvez por se revoltar contra a própria situação em que vivem, ela e o filho. É difícil ser doce quando também se tem fome. Mas olhe no fundo dos olhos de uma criança e tente ser duro. Tente negar-lhe um pão. Só se você realmente não o tiver. E quem pode afirmar que aquela mãe tinha alguma coisa? Coitada, talvez a fome já tivesse comido suas ideias.

Quando Clarice diz “Ela grita com dor: durma, seu chato!” faz-nos lembrar quantos de nós mandamos crianças trabalhar, estudar, procurar o que fazer ao invés de estar pedindo comidas nas portas das nossas casas ou nos semáforos das longas avenidas. Como é fácil dizer “durma, seu chato!” É a mesma coisa que a maioria de nós faz todos os dias “vai pra casa, menino.” Ir pra casa com fome? Ir pra uma casa que não tem comida? Comer as paredes, comer areia, como o anjinho que foi morar com Deus? Não seria mais fácil que cada um de nós dissesse uma palavra de entusiasmo para essas crianças? Que palavras? Nós não sabemos usar as palavras carinhosas, porque crescemos no ninho onde essas palavras são ditas pelos outros para que ouçamos e nunca nos ensinaram a repeti-las. Somos tão egoístas que até as belas palavras ficam presas no nosso pensar.

Saindo da fome real para outros tipos de fomes, nos debatemos com a fome das ideias que a criança desenvolve e os seus porquês, como, onde e quando também não são alimentados. Tudo o que a criança gostaria de saber era o porquê da fome existir? Por que não tem comida em casa? Por que não pode comer um chocolate gostoso que viu no supermercado? Por que não pode comer um pão quentinho? Por que não lhe dão um prato de comida? Por que a barriga ronca na hora de dormir e o sono passa? Por que a fome não é boazinha com as crianças pobres?

A criança com fome não corre, não brinca, não tem cheiro de infância.

### **Fome de curiosidade**

- Mãe, para onde eu vou quando morrer?
- Mãe, por que o povo que está lá no céu não cai de lá?
- Mãe, quem é Deus?
- Mãe, por que você está triste?
- Mãe, por que não tem comida aqui em casa?

É possível afirmar que uma das características da infância é a curiosidade. Para a criança, este mundo é novo e precisa ser descoberto. Nesta fase, elas pegam tudo o que veem e questionam aos seus pais a fim de atenuar suas inúmeras dúvidas. Mas, para cada criança, em cada meio social há uma forma diferente de crescimento, há dúvidas diferenciadas, mas para todas elas o tratamento deve ser único: carinho e compreensão.

Será que é possível imaginar as dúvidas de uma criança com fome? Será que as descobertas que ela pode fazer diante de tal escassez são as mesmas de uma da mesma idade que tem suas necessidades supridas? “Não posso acreditar...” Isto foi o que Clarice Lispector afirmou na poesia acima, diálogo entre mãe e filho. Comida era tudo o que a criança desejava e pedia naquele momento, mas tudo que conseguiu ouvir por causa, certamente, da mendicância, ainda comum no Brasil, foi: “durma” e assim sucedeu até que, devido à sua insistência foi chamado a gritos de chato.

Sem dúvida alguma, a maioria das pessoas que nasce em meio à escassez das ruas, vendo a miséria, tendo falta de necessidades básicas, crescerá sem expectativas e com sonhos mirrados. E além de terem que conviver com a inconstância da vida urbana, são vítimas da impaciência de suas famílias, como a criança citada pela poetisa. Atualmente, há leis que visam coibir tratamentos inadequados às crianças, principalmente em suas casas. Mas o que fazer com aqueles pequenos que não possuem casas? E aos que estão sendo obrigados a adormecer o imaginário?

Para essas perguntas, Clarice Lispector diz: “até que, de dor e cansaço, ambos cochilam no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah! Como eu devoro com fome e prazer a resignação”. Para Clarice, o que resta é esperar. Uma espera insaciável para aqueles que podem e até mesmo as pessoas que se encontram nessa situação, despertem para os problemas e busquem atenuá-los seja através da caridade seja através do naufrágio da resignação. Salve as crianças chatas!



Quando a cabeça

Nasce com muitas perguntas

Nasce também uma vontade extrema

De misturar o mundo.

Juntar a árvore com o céu

O rio com os pés

O sonho com o sorriso

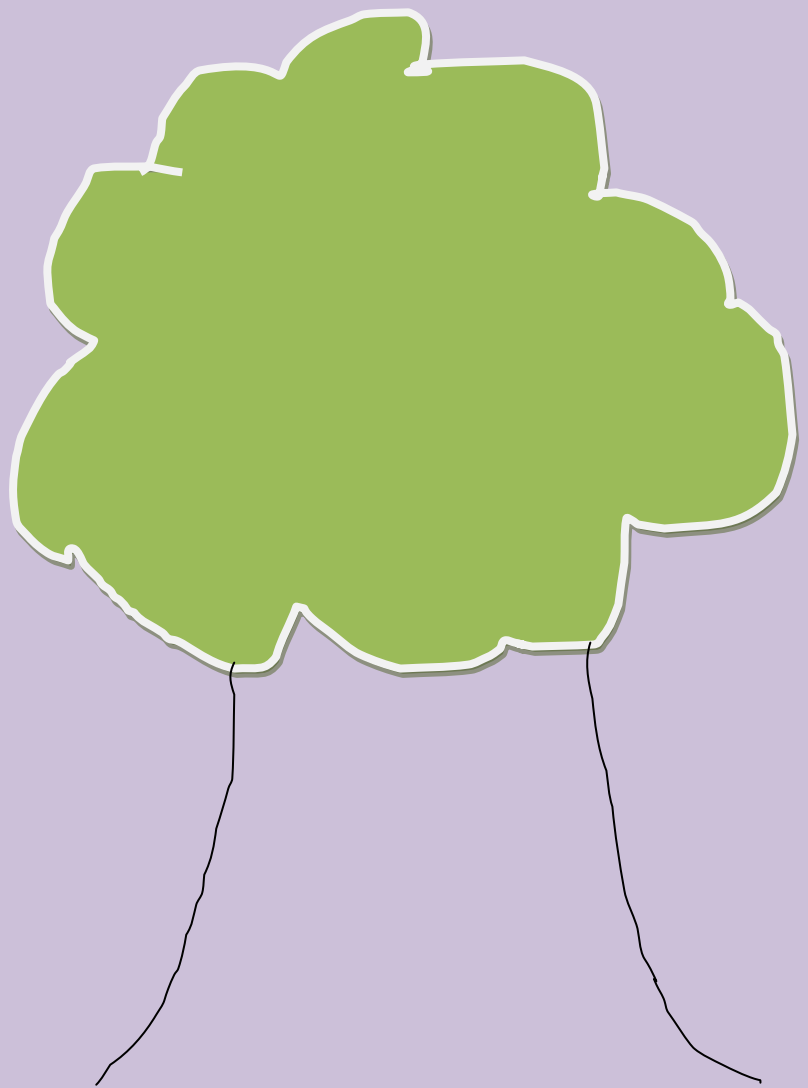
A paz com o mundo.

**Jean Sartief**



Pedras na encruzilhada  
O Pau-brasil faz sombra  
e indica o caminho.  
No interior de cada um  
Tem uma árvore plantada.

**Jean Sartief**



# Sequência

Ordenar a vida

Um amor,

Uma casa,

Uma árvore.

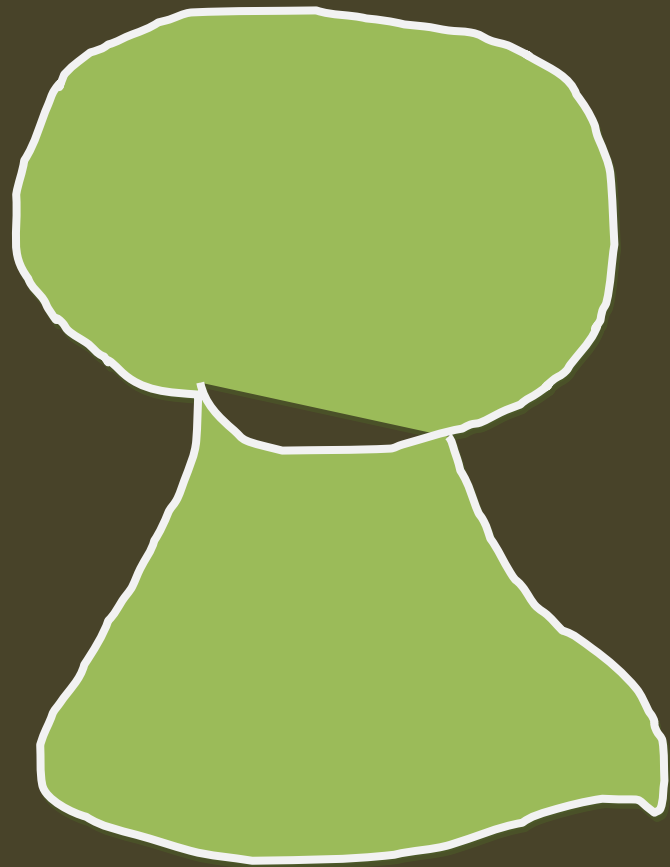
**Jean Sartief**



# Fértil

Plantei meus pés  
Em uma nova terra  
E nasceu uma árvore linda  
Desde então.

**Jean Sartief**



Descobri que na mesma hora bruta  
O dia se refez  
Defendi sem dúvidas  
O desejo de voar  
E de fazer pirraça no céu.  
No outro dia  
Que não sei explicar  
Ganhei uma estante para meus livros  
Uma semente que vai virar árvore  
E um anjo que carrega uma coruja nos  
braços.

**Jean Sartief**



# Bonsai

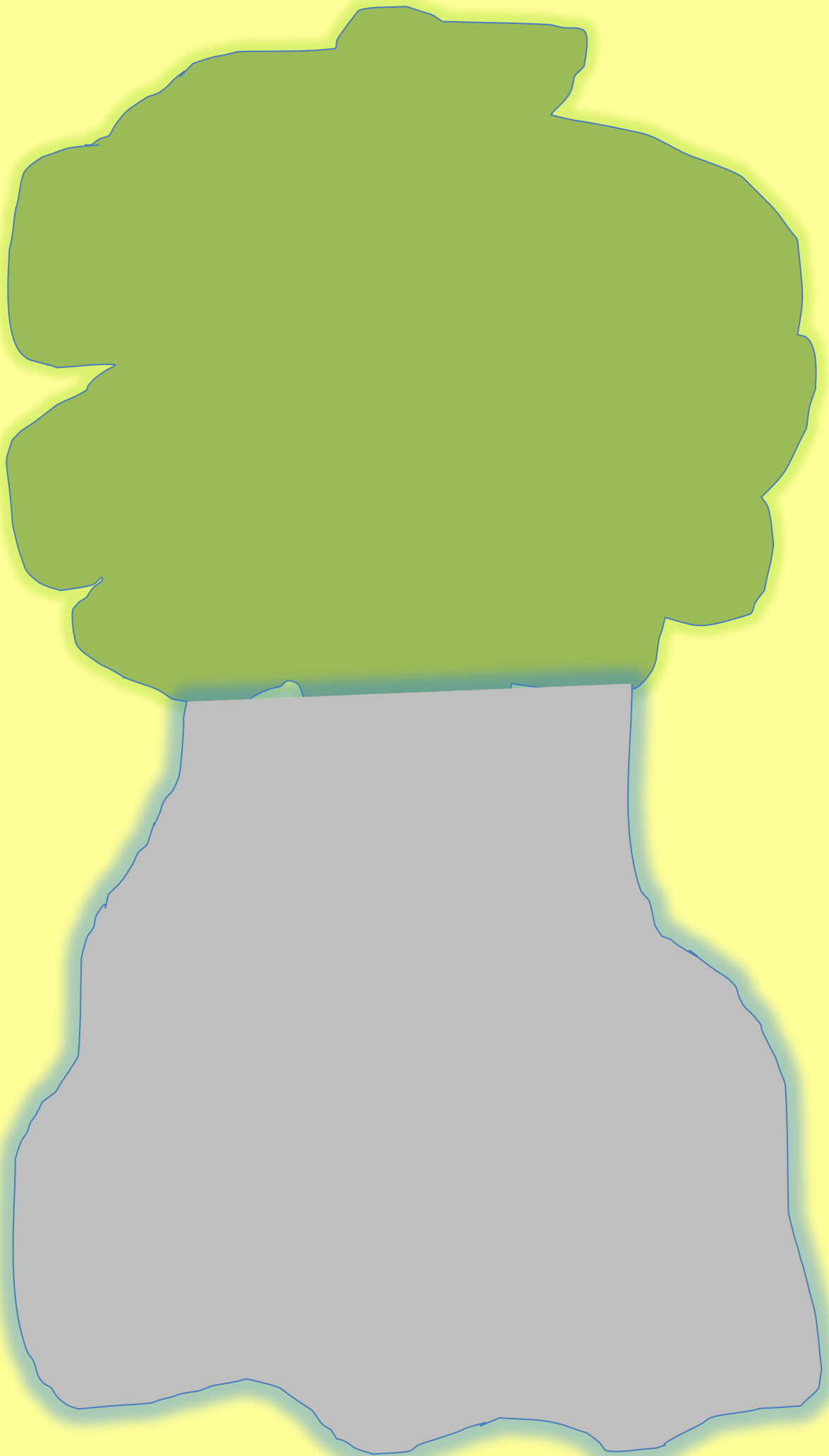
Ganhei de meu pai  
uma árvore que cabe  
na palma da mão.

Morreu,

Mas ainda a trago no coração.

**Jean Sartief**









# DAS FÁBULAS À POESIA: OS ANIMAIS EM VINICIUS DE MORAIS

Alan Marinho Cesar\*

Maria Francimária Cavalcante\*\*

*No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá  
onde a criança diz: Eu escuto a cor dos  
passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não  
funciona para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um  
verbo, ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz  
de fazer nascimentos -  
O verbo tem que pegar delírio.*

Manoel de Barros

## RESUMO

Falar sobre a literatura infantojuvenil, apesar de ser uma atividade prazerosa, não é tarefa tão fácil quanto parece, afinal, para entendê-la precisa-se, antes de tudo, compreender o público a quem ela se destina. Toma-se por objetivo nesta análise o uso que Vinicius de Moraes faz de personagens animais em seus poemas infantis, aproximando-os das Fábulas surgidas na Antiguidade Clássica/Oriental. Para tanto, faremos uma breve análise da história da Literatura infantojuvenil, desde suas formas iniciais, passando pela sua criação definitiva na Idade Moderna até a contemporaneidade. Em seguida tem-se também uma rápida abordagem em relação à poesia infantil e, por fim, a análise dos poemas escolhidos: “o pato” e “o gato”.

**Palavras Chave:** Literatura Infantojuvenil; fábulas; poesia; Vinicius de Moraes.

---

\* Graduando em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: alanrasec@hotmail.com

\*\* Formada em Licenciatura plena e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Atualmente graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literatura - UFRN. Professora da rede pública Municipal de Ensino de Natal/RN. E-mail: mfrancimaria@yahoo.com.br

## As origens da Literatura Infantojuvenil

Nem sempre houve uma literatura infantil, na verdade as primeiras narrativas de que se tem conhecimento para o público infantil foram antes escritas para adultos e só posteriormente, por volta do século XVII, tornaram-se leitura quase que obrigatória pelas crianças.

Essas primeiras narrativas surgiram em tempos longínquos, que remontam à Antiguidade Clássica (algumas também à Antiguidade Oriental) e que, na maioria das vezes, foram propagadas via tradição oral até o momento em que foram realmente coletadas e documentadas por escrito.

Nelly Novaes Coelho nos fala do papel e da tarefa desempenhada pela literatura ao longo da evolução pela qual tem passado a humanidade desde os primórdios dos tempos.

Daí a importância de rastreamos as origens da Literatura Infantil, hoje conhecida como 'clássica', a partir de seus ancestrais ou de sua célula-máter: a Novelística Popular Medieval, que, por sua vez, tem suas raízes mais remotas em certas fontes orientais (Índia) ou, mais precisamente, indo-europeias.(COELHO, 1991a: 12).

Escritores se tornaram célebres ao transcrever as histórias do folclore ocidental. Essas histórias, repletas de magia e fantasia foram narradas através dos séculos, mantidas vivas pela memória popular. Para Nelly Novaes Coelho a difusão se deu durante a Idade Média, tendo-se duas correntes: a de tradição oral (folclore, lendas da antiguidade clássica ocidental e oriental adaptadas à realidade do medievo), dita popular e as novelas de cavalaria, dita culta.

Vendo pelo lado histórico social, ambas as correntes acima citadas seriam então resultantes de um processo histórico de transformações pelo qual passou a Europa durante a Idade Média, resultado direto de (pré)conceitos surgidos ainda no Império Romano (Idade Antiga) e que tiveram seu amadurecimento na época medieval, resultando no aparecimento de uma nova sociedade ao fim deste período, caracterizada pelo renascimento sócio-cultural e pela entrada do ocidente na chamada Idade Moderna.

Ainda segundo Coelho:

Nesses dez séculos 'medievais' realiza-se, pois, o longo e complexo processo histórico-cultural que prepara a Idade Moderna, durante o qual, como num cadinho de alquimia, se foram fundindo (aquecidos pelo fogo espiritualista cristão): a vitalidade rude, a violência instintiva e o sangue novo-primitivo dos bárbaros com os valores civilizadores da Antiguidade Clássica Greco-Romana que (registrados pela palavra escrita em numerosos

manuscritos) haviam permanecidos nos conventos, sob a guarda dos primitivos padres da Igreja.

Através dos manuscritos ou das narrativas transmitidas oralmente e levadas de uma terra para outra, de um povo a outro, por sobre distâncias incríveis, que os homens venciam em montarias, navegações ou a pé, – a invenção literária de uns e de outros vai sendo comunicada, divulgada, fundida, alterada... Com a força da religião, como instrumento civilizador, é de se compreender o caráter moralizante, didático, sentencioso que marca a maior parte da literatura que nasce nesse período, fundindo o lastro oriental e ocidental. ... (COELHO, 1991a: 32-33)

Dessa forma a literatura difundida na época medieval, sejam os contos orais (tradição popular) ou as novelas de cavalaria (tradição culta), nada mais era do que uma representação da sociedade que a utilizava - fosse como uma mera forma de contar a história de seus antepassados (suas origens) aos seus filhos ou como um meio de afastar e/ou materializar seus medos e suas fantasias e até mesmo uma forma de ensinar princípios éticos e de convívio social.

Devemos aqui fazer uma ressalva quanto ao conceito de representação que segundo Chartier (2000) é usado para a compreensão (pelos homens de determinada época) de sua sociedade. Representação seria, pois, a visão (no sentido de idéia ou imagem) que um determinado grupo social ou indivíduo cria ou tem de um objeto (este pode ser uma pessoa, um período histórico, um acontecimento, enfim), sendo que esta representação está diretamente ligada à forma como este grupo/indivíduo ver (ou percebe) o mundo (BARROS, 2004). Também para Antonio Candido a literatura produzida e difundida por uma determinada sociedade pode ou não ser produto direto do contexto sócio-cultural em que esta esteja vivendo ou pode depender da relação do conteúdo com o público leitor. Ele chega mesmo a afirmar que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.” (2000: 19)

Levando estes conceitos em consideração, quanto mais as sociedades do ocidente iam refinando seus costumes, mais elaborada tornava-se sua “arte literária”. Com o fim da Idade Média, o advento da Idade Moderna, o renascimento cultural e tantos outros acontecimentos que ocorreram praticamente ao mesmo tempo, vai surgir uma nova forma de agir e de pensar. As sociedades passam então a ter novas necessidades, citando-se inclusive o real surgimento de um tipo de escrita voltada para as crianças. Foi na corte de Luiz XIV, o “Rei Sol”, na segunda metade do século XVII, que pela primeira vez “se manifesta abertamente a preocupação com uma *literatura para crianças ou jovens*.” (COELHO, 1991a: 75).

Como pioneiros neste novo gênero literário, podemos citar: As Fábulas de La Fontaine (1668); Contos da Mãe Gansa de Charles Perrault (1691-1697); Os Contos de Fadas de Mme.

D'Aulnoy; Telêmaco de Fênelon, os contos de narrativas do “maravilhoso” de autores como Andersen, e os Irmãos Grimm.

São textos que tem por características uma grande dose de fantasia e imaginação e que tomam por base o folclore popular. No entanto deve-se atentar para o fato de que esta literatura dirigida às crianças não tomava por objetivo apenas divertir, tinha também o intuito de educar, como nos afirma Coelho.

### **As Fábulas**

Dentre tantos gêneros voltados para a infância, façamos uma breve explanação acerca de um desses gêneros tão antigos e que ainda hoje encanta não só as crianças, mas também adultos de todo o mundo. Falemos um pouco das Fábulas.

Aparentemente as primeiras Fábulas surgiram no oriente e foram introduzidas no ocidente pelo escritor grego Esopo, por volta do século VI a.C. Alguns séculos depois, um escrevo romano de nome Fedro (século I a.C.) as teria aperfeiçoado enriquecendo-as estilisticamente. Já no século XVII, surgem então as Fábulas de La Fontaine, que embora tome por base as Fábulas greco-latinas, escreveu-as de uma forma diversificada. Para Coelho (1991b), ele teria “reinventado as Fábulas”, devido à forma de escrevê-las.

Sobre as Fábulas em si, temos que “Fábula (lat. fari = falar e gr. phaó = dizer, contar algo) é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade.” (COELHO, 1991b: 146).

As Fábulas usam em geral animais como personagens, mas não animais comuns. São animais que possuem qualidades antropozomórficas, ou seja, possuem algumas características de animais e outras humanas. Na verdade vivem situações e possuem até mesmo sentimentos inerentes aos humanos. Esse tipo de literatura traz sempre fatos que levam o leitor a pensar e tirar daí exemplos a serem apre(e)ndidos, como se fossem verdadeiras lições de moralidade.

Quanto à motivação para a escrita dessas fábulas, o próprio La Fontaine (1668), em prefácio de sua obra Fábulas, fala o seguinte:

Sirvo-me de animais para instruir os homens.  
[...]  
Procuro tornar o vicio, ridículo.  
Por não poder ataca-lo com braço de Hércules.

[...]  
Algumas vezes oponho, através de uma dupla imagem,  
O vício à virtude, a tolice ao bom senso.  
[...] (LA FONTAINE apud COELHO, 1991: 147)

Como veremos a seguir, as fábulas tanto de La Fontaine quanto as de outros autores inspiraram muitos dos textos infantis na contemporaneidade.

### **A Literatura infantil na contemporaneidade**

Na nossa contemporaneidade, as narrativas que surgiram há alguns séculos atrás continuam mais atuais do que nunca. São lidas para e pelas crianças com o intuito de que estas tomem contato com o mundo da literatura, utilizando a fantasia como uma forma de incentivar o lado lúdico de cada uma.

Interessante notar, no entanto, quão grande é o número de adaptações que surgem a cada dia. Novas histórias e novos textos que sempre tomam por base ou mesmo se inspiram nas boas e velhas histórias infantis.

No Brasil esta realidade não é tão diferente. A literatura brasileira não fica de fora dessa ideia, muitos são os autores que se dedicam a tão nobre tarefa, muitos são os contos que surgiram de suas penas (ou será que devemos dizer de seus teclados, uma vez que estamos na era da computação). Muitos dos quais se utilizam das narrativas antigas para criarem suas próprias histórias, que assim como aquelas em que se espelham, são histórias criadas para encantar e “dar asas à imaginação”.

Dentre alguns dos principais autores da literatura infantojuvenil brasileira, podemos citar Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Pedro Bandeira, Clarice Lispector, entre outros.

### **A poesia para o público infantil**

Escolhemos aqui tratar de um autor bem específico que nos apresenta também um gênero literário todo especial. Falamos aqui da poesia para crianças e de um de seus principais representantes, Vinicius de Moraes.

A poesia para crianças vem ganhando espaço nos últimos tempos.

Com a eclosão modernista, a partir dos anos 20, na produção poética para adultos começam a aparecer textos que, recusados pelos adultos (normalmente ‘conservadores’ e ainda incapazes de compreender ou aceitar o novo código verbal que surgia...), são plenamente aceitos pela meninada. Tal fenômeno justifica-se pelo ludismo incorporado à própria matéria poética.

Assim, uma das características da poesia modernista e pós modernista (ou das formas poéticas populares) é a exploração da sonoridade das palavras e do ritmo que as impulsiona. (COELHO, 1991b: 209)

É exatamente a sonoridade e o ritmo que mais chamam a atenção das crianças para esta poesia. Vale lembrar que se antes a poesia tinha um caráter pedagógico a partir dos anos 60 essa já não é mais uma característica essencial aos textos poéticos infantis. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988). O ludismo é agora a característica principal das mesmas.

Tendo sua origem mais remota nas manifestações populares, a poesia infantil resgata, tanto no seu plano fônico quanto no âmbito semântico, propriedades específicas da poética popular, como o apego à sonoridade e ao ritmo, a narratividade simples, o mundo mágico-maravilhoso, a linguagem repetitiva, o apelo à emoção (em oposição à racionalidade do discurso culto), a intenção pedagógica etc. (SILVA, 2006: 361)

## **O poeta**

Vinicius de Moraes é dos muitos autores (e o mais atual) que escreveu poemas para crianças. Considerado um poeta modernista, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 19 de outubro de 1913. Ao longo de sua vida foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Deu início a um dos maiores movimentos da música brasileira, a Bossa Nova. Suas peças foram encenadas nos maiores teatros do Brasil, seus poemas são conhecidos em todo o mundo. É, normalmente, conhecido como o poeta da sensualidade, mas não se torna uma surpresa constatar que também escreveu para os pequenos leitores. Vinicius faleceu em 09 de julho de 1980, também, na cidade do Rio de Janeiro.

Poeta do Amor e da Sensualidade mais profunda, Vinicius não seria, talvez a voz adequada para falar às crianças. Entretanto ele o fez e em muitos momentos de sua poesia infantil reencontra a ingenuidade do olhar antigo e se deixa arrastar pelo ludismo, que é indispensável à comunicação com a criança. (COELHO, 1991b, 220)

## Entre rimas e palavras

Selecionamos aqui dois poemas de Vinicius de Moraes e tentaremos agora fazer uma breve análise sobre os mesmos, mostrando aspectos que teriam, provavelmente, influenciado Moraes no momento de escrevê-los.

### *O pato*

*Lá vem o Pato  
Pata aqui, pata acolá  
Lá vem o Pato  
Para ver o que é que há.  
O Pato pateta  
Pintou o caneco  
Surrou a galinha  
Bateu no marreco  
Pulou do poleiro  
No pé do cavalo  
Levou um coice  
Criou um galo  
Comeu um pedaço  
De jenipapo  
Ficou engasgado  
Com dor no papo  
Caiu no poço  
Quebrou a tigela  
Tantas fez o moço  
Que foi pra panela.*

### *O gato*

*Com um lindo salto  
Lesto e seguro  
O gato passa  
Do chão ao muro  
Logo mudando  
De opinião  
Passa de novo  
Do muro ao chão  
E pega corre  
Bem de mansinho  
Atrás de um pobre  
De um passarinho Súbito, pára  
Como assombrado  
Depois dispara  
Pula de lado  
E quando tudo  
Se lhe fatiga  
Toma o seu banho  
Passando a língua  
Pela barriga*

O primeiro poema, “O pato”, aparentemente poderia ser dividido em cinco estrofes, com quatro versos cada uma. Possui rimas mais ou menos regulares, trazendo, no entanto uma ótima sonoridade e um ritmo bem interessante. Esse poema é normalmente cantado para as crianças, sendo que a sonoridade se dá pela aliteração dos fonemas P e T, (pato, pateta, pintou). O que se percebe neste poema é que temos um pato bem atrapalhado que não gosta de seguir regras? Em uma análise mais detalhada temos que:

Esta primeira estrofe da aparência de um pato todo atrapalhado, (Lá vem o Pato /Pata aqui, pata acolá / Lá vem o Pato / Para ver o que é que há), que chega cambaleante. A partir da segunda estrofe, no entanto seu comportamento muda por completo (O Pato pateta / Pintou o caneco / Surrou a galinha / Bateu no marreco), uma vez que não mais cambaleia, agora ele já sai por ai fazendo “estripulias”, mexendo com os outros animais, fazendo “traquinagens”. Na terceira e quarta estrofe ele começa já a sofrer por causa de suas ações (Pulou do poleiro / No pé do cavalo / Levou um coice / Criou um galo // Comeu um pedaço / De jenipapo / Ficou

engasgado / Com dor no papo). Esses acontecimentos poderiam ter sido evitados caso ele permanecesse quieto, coisa que ele parece não conseguir fazer. Para finalizar a quinta e última estrofe (Caiu no poço / Quebrou a tigela / Tantas fez o moço / Que foi pra panela), mostra claramente o que aconteceu com o “animal” que não conseguia ficar parado sem aprontar das suas. Devido as suas ações, que não podem ser classificadas exatamente como boas, ele acabou indo parar na panela.

O segundo poema, “O gato”, também está dividido em cinco estrofes, com quatro versos cada uma, a exceção da última estrofe que possui cinco versos. Este poema também possui rimas mais ou menos regulares e o ritmo e a sonoridade fica por conta das aliterações dos fonemas L, S, P e T. Quanto a uma análise mais detalhada, este é um poema bem simples e sua beleza está exatamente no ponto em que o autor traz à tona características clássicas do animal em questão (o gato).

Na primeira estrofe, o autor mostra ser o gato um animal bem seguro de si, que tem confiança e sabe o que quer (Com um lindo salto / Lesto e seguro / O gato passa / Do chão ao muro). Porém se muda de opinião, não hesita em executar uma nova ação (Logo mudando / De opinião / Passa de novo / Do muro ao chão). Este felino seria também um animal que gosta de brincar (mesmo que a custas de um outro animal), como se vê na terceira estrofe: E pega corre / Bem de mansinho / Atrás de um pobre / De um passarinho. Na quarta estrofe, ele parece estar arrependido do que fez (para assustado), como vemos: Súbito, pára / Como assombrado / Depois dispara / Pula de lado. Por fim, o autor denota também a tranquilidade do animal: E quando tudo / Se lhe fatiga / Toma o seu banho / Passando a língua / Pela barriga.

O que se pode falar acerca dos poemas de Vinicius, destes poemas escolhidos, é o fato de Vinicius tomar por tema os animais, em uma possível referência às antigas fábulas. Nos poemas de Vinicius, assim como nas Fábulas percebem-se certo ensinamento moral, que, conseqüentemente, será absorvido pelo “pequenos leitores”. No primeiro poema, por exemplo, o pato travesso, por suas ações insensatas, acabou tendo um final trágico, enquanto que o gato, que seria um animal sábio, brinca tranquilo, sem causar grandes danos a ninguém. Isso traria a ideia de que cada um tem para si aquilo que busca por merecer.

Portanto, os poemas aqui comentados, além de trazer à tona o lado lúdico, trazem um ensinamento que não chega a ser exatamente de caráter pedagógico, mas que fazem ao pequeno leitor considerar ao final da leitura uma espécie de pequena lição que vai auxiliá-lo ao longo de seu aprendizado. Com isso, a literatura contemporânea tem sim aspectos herdados dos antigos gêneros, ao escolher por temas poesias com animais (figuras que atraem a atenção



dos leitores iniciantes). Vinicius nos mostra que os ensinamentos das Fábulas ainda estão bem presentes no nosso cotidiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queirós, 2000.

CHARTIER, Roger. História e literatura. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Editora Ática, 1991a.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, Didática**. São Paulo: Editora Ática, 1991b.

FALEIROS, Monica de Oliveira. **A narrativa dos contos de bichos de Miguel Torga e da fábula da tradição esópica: uma leitura comparativa**. Disponível em <<http://www.facef.br/novo/publicacoes/IIforum>> Acesso em 12/10/2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SILVA, Mauricio. **Poesia infantil contemporânea: dimensão lingüística e imaginário infantil**. Imaginário - USP, 2006, vol. 12, no 13, 359-380. Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br>> Acesso em 12/10/2010.



# Enquanto o “shonho” não vem

*Alzenir Araújo Santos*

Cheia de sono

Fechei meus olhos

Enquanto o sonho não chega

De repente

Escutei um chamado

Achei que era um chiado

Senti um cheiro conhecido

Era a chuva chorosa

Fazendo chacota

No telhado rachado

Achei que tinha

Achado o sono

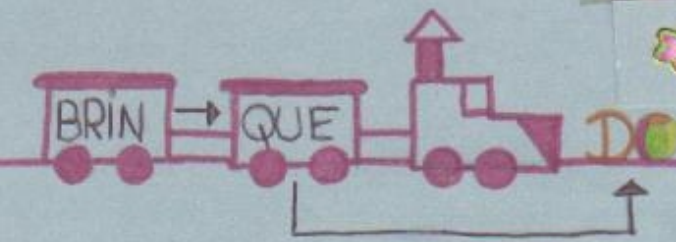
Chispei da cama


E fui fazer...

Xixi!



Chi...


# O poema imagem




Eu fiz de papel →  
um  e naveguei

Fiz um  de soldado  
e  marchei

Fiz , fiz   
embarquei dentro - voei

Agora fiz um brinquedo  
— O MELHOR QUE JÁ BRINQUEI —  
guardei num papel dobrado  
e  NAMORADO

(o meu nome eu inventei )

Autora: Elza Beatriz

# **Projeto Poesia Nossa de Cada Dia**

**Matilde Pontes**

## **Apresentação**

Este projeto pode ser operacionalizado em turmas de quarto e quinto ano do Ensino Fundamental, integrando as disciplinas Língua Portuguesa e Educação Artística. As ações propostas contemplam a expressão oral e artística, através de práticas pedagógicas coerentes com o perfil do público-alvo.

## **Justificativa**

Poema é um gênero textual construído através de ideias, sentimentos, sonoridade e ritmo das palavras. Desde a Educação Infantil precisa ser vivenciado e de forma lúdica. A poesia está presente nas canções de ninar, nas cantigas de roda, nos trava-línguas, nas parlendas, nos provérbios, nas quadrinhas populares, nas letras das músicas, nos livros... Algumas divertem por sua musicalidade, outras pelas ideias e sentimentos que expressam; umas são para brincar, outras para fazer sentir algo nunca sentido. O convívio estimulante com a leitura e expressão de poemas, possibilita a comunicação pela linguagem do corpo e a expressão facial comentando ou reforçando a expressão verbal, evidenciando a emoção, o humor.

## **Objetivos**

- Planejar atividades prazerosas que envolvam crianças e jovens, tais como: saraus, recitais itinerantes, leituras jogralizadas, entre outras.
- Proporcionar a realização de atividades que favoreçam ao processo de construção de valores (respeito, ética, solidariedade...) que tornem as pessoas cada vez mais sensíveis aos interesses da coletividade.
- Instigar o interesse pela leitura, interpretação, expressão oral e corporal, como também, a produção de textos poéticos.
- Identificar a poesia como forma de expressão e comunicação de ideias e sentimentos.
- Estabelecer diferenças entre o sentido mais amplo e mais restrito da palavra no texto inverso.

## **Estratégias**

- Motivar as atividades a partir da história “A Caligrafia da Dona Sofia” do escritor André Neves.
- Pesquisar, na biblioteca da escola, as produções literárias em poesias, analisando-as conforme o contexto situacional do momento em que foi escrita.
- Conhecer poetas e respectivos poemas locais e nacionalmente conhecidos: Rosângela Trajano, Leda Marinho, Roseana Murray, Ricardo Azevedo, Ronald de Carvalho...
- Utilizar diferentes meios de pesquisa: dicionários, jornais, revistas, internet, livros de poesia.
- Montar painel integrando informações colhidas sobre o tema em foco.

- Promover oficinas de poesia objetivando a produção e ilustração de poemas.

## **Avaliação**

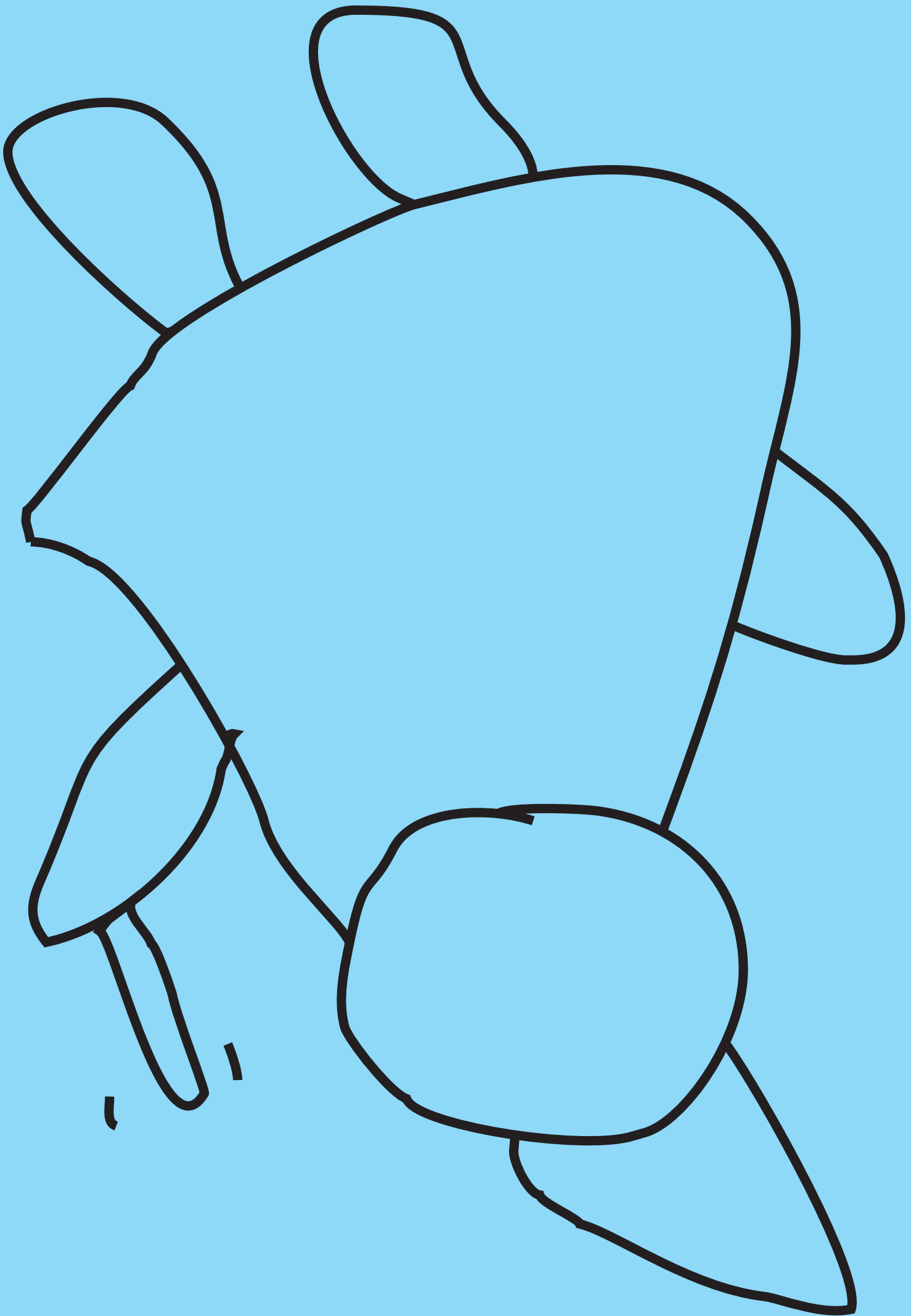
Durante a vivência de cada fase do projeto é relevante registrar através de fotografias, como também, fazer anotações dos depoimentos dos educandos envolvidos para complementar a avaliação de todo o processo. A partir dos registros, serão avaliados os pontos positivos e possíveis falhas a serem sanadas nas atividades posteriores.

## **Bibliografia**

CAVALCANTI, Joana. *Malas que contam história*. São Paulo: Paulus. 2006.

NEVES, André. *A Caligrafia de Dona Sofia*. Edições Paulinas, 2010.

SARMENTO, Leila Lauer. *Oficina de Redação*. São Paulo: Moderna, 1998.





# Uma leitura do poema “A fada das crianças” de Fernando Pessoa

Rosângela Trajano

## A Criança que Pensa em Fadas

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas  
Age como um deus doente, mas como um deus.  
Porque embora afirme que existe o que não existe  
Sabe como é que as coisas existem, que é existindo,  
Sabe que existir existe e não se explica,  
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,  
Sabe que ser é estar em algum ponto  
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

*(Alberto Caeiro)*

De todos os poetas que já li e estudei nenhum me encantou mais do que o fingidor de todas as dores, de todas as crenças, de todas as manhãs e solidões do que Fernando Pessoa.

Ao ler o poema “A fada das crianças” quis escrever um com o título “A fada dos adultos”. Sim, porque todos nós muitas vezes desejamos enormemente que uma fada apareça e com a sua varinha de condão faça uma mágica no nosso mundo de gente grande que seria um milagre.

Quantas vezes as crianças perguntam por que o cachorrinho morreu e os adultos não sabem responder. Só as fadas conseguem dar essa resposta de forma que não cause tanta dor e solidão; só as fadas conseguem fazer da infância uma vida menos dolorida e mais compreensiva. Não chore, minha criança, existe uma fada das crianças, eis:

## A Fada das Crianças

Fernando Pessoa

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,  
Voando pela noite silenciosa,  
A fada das crianças, vem, luzindo.  
Papoulas a coroam, e, cobrindo  
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,  
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,  
Os seus cabelos de ouro acaricia —  
E sonhos lindos, como ninguém teve,  
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam  
Em coisas vivas, e um cortejo formam:  
Cavalos e soldados e bonecas,  
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,  
E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas  
Que brincam e dão saltos e passadas...  
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,  
Pé ante pé, volta a melhor das fadas  
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

A fada das crianças que conduziu Cinderela ao baile e trouxe felicidade à sua vida. Quantas crianças desejariam uma fada dessas? Vejo, todos os

dias, meninos e meninas pedindo esmolas, vendendo balinhas dentro dos transportes coletivos, em pontos de ônibus vendendo picolés, pelas ruas da minha cidade apanhando latinhas; meninos que não têm lar, não têm comida, não têm sapatos, não têm quase nada e ainda são vítimas da violência de alguns adultos. Ah! Crianças como eu gostaria de ser a fadinha do poema de Fernando Pessoa e sair voando pela noite silenciosa cobrindo cada um de vocês que com frio dorme pelas calçadas dos grandes centros urbanos, eu cobriria com beijos e um cobertor de algodão bem quentinho. Por alguns momentos esse meu gesto carinhoso de abraça-los só por um momento faria com que sonhassem com brinquedos, chocolates, ovos de páscoa, Papai Noel, presentes e tantas coisas doces que a vida lhes nega.

Como são salgadas as madrugadas das crianças que dormem a céu aberto ou no escuro! A fada das crianças pode sair de norte a sul, leste a oeste, com a sua varinha de condão tornando a vida de cada criança um sonho real cheio de encanto, magia e afetividade. Lembro-me das crianças do Tibete, da África, da Índia... lembro-me das crianças do meu estado que sofrem caladas, coitadinhas. Quantas vezes tive que ouvir mães dizerem: “cala a boca, sua rapariga! Se não eu quebro a sua cara!” ou “você vai ver quando chegar em casa!” Se eu fosse uma fada, essa fadinha que Fernando Pessoa tão bem descreve em seu poema carregaria essas crianças para o país do Pequeno Príncipe para lhes fazerem companhia. Ao menos ele teria com quem brincar e tenho certeza que todas as crianças do mundo inteiro compreenderiam o desenho do seu amigo Exupéry como nenhum outro adulto foi capaz de compreender, porque as crianças não precisam de muitas explicações para entender algo, elas são mais inteligentes do que Einstein adulto e creio que o Einstein criança era muito mais inteligente do que o adulto.

Se eu fosse a fada das crianças todos vocês teriam soldadinhos de chumbo com um só coração não, mas com dois; carrinhos com rodas capazes de sorrir; bonecas capazes de compartilhar segredos e bichinhos de pelúcia que ajudariam nos deveres de casa. Aí me vem a lembrança das centenas de crianças com quem já conversei e nunca tiveram um brinquedo, e eu choro. Pausa. Preciso de um minuto de silêncio para recuperar minha emoção. Recordo-me agora da menina que minha mãe encontrou na rua e assim com um jeito bem adulto perguntou para ela: “é errado bater em criança, né?” A minha mãe respondeu que sim, e ela disse: “pois, olhe, tá vendo essas marcas? É meu avô que bate em mim. Eles também fazem eu engolir a comida sem mastigar, porque dizem que eu como muito devagar”. Ah! Menininha, se eu fosse a fada das crianças iria agora mesmo recolher você para ser cuidada por Korczak Janusz que costumava dizer "eu não posso criar outra alma, mas posso acordar a alma que está dormindo"., sim, ele acordaria sua alma para passear junto com a fadinha pelo país onde todas as crianças ganham chapéus mágicos capazes de fazer feliz quem usá-los sempre, ele seria o professor amado de vocês e saberia muito bem ouvir suas palavras e os seus coraçõezinhos... dotchi, rekpte, klipt... tic-tac, tic-tac... Tenho certeza que nunca mais ninguém faria mal a vocês.

Se eu fosse a fada das crianças criaria um milhão de palhaços verdadeiros, porque os que tenho encontrado atualmente não sabem compreender o sorriso de uma criança. Apesar de tudo, elas são tão carentes de afeto que sorriem com o rosto pintado de qualquer pessoa que lhes faça uma brincadeira. Para cada criança eu daria um palhaço igual a minha amiga Águeda, a palhacinha que sabe como ninguém retirar da mala do palhaço o verdadeiro sentido de fazer palhaçadas.

Nasce o dia e a fada das crianças precisa partir ligeiro, antes que elas acordem e descubram seu segredo. Ela corre, pula cercas elétricas, foge do cachorro, atravessa ruas largas e vai para o País das Fadas que fica bem perto daqui e a gente nem imagina que ela pode estar em qualquer lugar, até mesmo dentro de cada um de nós.

Criança, meu amor, vá dormir sem preocupar-se com o amanhã, pois a fada das crianças me prometeu que hoje, ao anoitecer, visitará as crianças do mundo inteiro embelezando seus sonhos e dando vida aos seus brinquedos. Capaz até dela salvar crianças de medos, traumas e doenças. Quem sabe? Tudo é possível às fadas.

Eis o poema que fiz para minha fada, criança querida. Experimente fazer um para sua, também. Quem sabe ela gosta e volta mais vezes para ver você.

### **A fada da minha infância**

**Rosângela Trajano**

Ela velava meus sonhos  
Se eu tinha medo de dormir sozinha  
Ela me colocava junto de si  
Eu chupava o dedinho  
Com um pano fedorento por demais  
Mas se lavassem meu pano amado  
Soninho não vinha mais  
Eu dizia ter medo do escuro  
Ela era a minha luz  
Numa casa onde uma vela dentro  
De um prato com água

Iluminava nossa esperança  
Eu nunca tive pesadelos  
Quando menina moleca  
Sonhei com galinhas, passarinhos, pombos  
Com os bichinhos que ela criava  
E quando de dia não tinha comida  
Ela trazia de alguma árvore do quintal  
Um caju, uma castanha assada  
Uma banana, uma manga  
Ela costurava bonecas para mim  
Que tinham cheiro de ervas  
Meus bolinhos de areia  
Não sei como ela conseguia  
Viravam bolos de verdade  
Meu vestido de chita  
Com um toque do seu cabo de vassoura  
Viravam vestidos de princesas  
Meus chinelos velinhos com as tiras já toradas  
Por baixo do solado, improvisado, um pedaço de borracha  
Com um grampo atravessado  
Com um toque do seu cabo de vassoura  
Fazia eu usar os chinelos por muito tempo  
Se iam para uma festa  
Ficavam novinhos  
Eram os chinelos mais belos do Universo  
E a menina sem televisão em casa  
Sem livros para ler  
Com laço de barbante na cabeça  
Era a mais bonita da festa

Se eu tinha dor de barriga  
Um chá quentinho de planta retirada do quintal  
Parecia poção mágica e eu logo ficava curada  
E minha infância doída  
Deixou de doer muito  
Quando ela me levou para o circo  
Vi um elefante, vi um leão  
Vi um palhaço e um anão  
Em coração de menina  
Que infância difícil condena  
A minha fada madrinha fez de tudo  
Para eu ser menina moleca feliz  
Conheci o parque de diversões  
Ela me levou para o mar  
Vieram as ondas brincar comigo  
Eu que não tive amigos  
De verdade  
Conversei sempre com Lauro  
Meu boneco de pano preto  
Sem contar que tudo isso  
Não sei se foi sonho ou realidade  
Mas minha fada madrinha existe  
É de carne e osso e conta idade  
Chamam-na de Iracema ou Irá  
Eu a chamo de mãe  
Seu país das fadas  
É o lugar mais lindo do mundo  
Minha casa, meu lar.

Nem toda criança teve o meu privilégio. A fada das crianças veio me visitar durante minha infância e fez dela a mais bela fase da minha vida. Saudades daquela fada que com um cabo de vassoura fazia rodinhas para os carros dos meus irmãos, que com um pedaço de pano fazia uma boneca para mim, que com um remendo no chinelo me fazia ir calçada para escola. Obrigada, minha fada, por ter me ensinado a ter um coração molenga e chorar por tudo nessa vida. Pausa. Um minuto de silêncio por João Neto<sup>1</sup> que ficou acorrentado por nove anos quando iniciou os primeiros passos e quebrou o jarro da mesa da mãe. João Neto veio aprender a andar aos dez anos de idade e aos onze correu pela primeira vez de encontro à fada das crianças.

A fada está na poesia

Eu sou a poesia

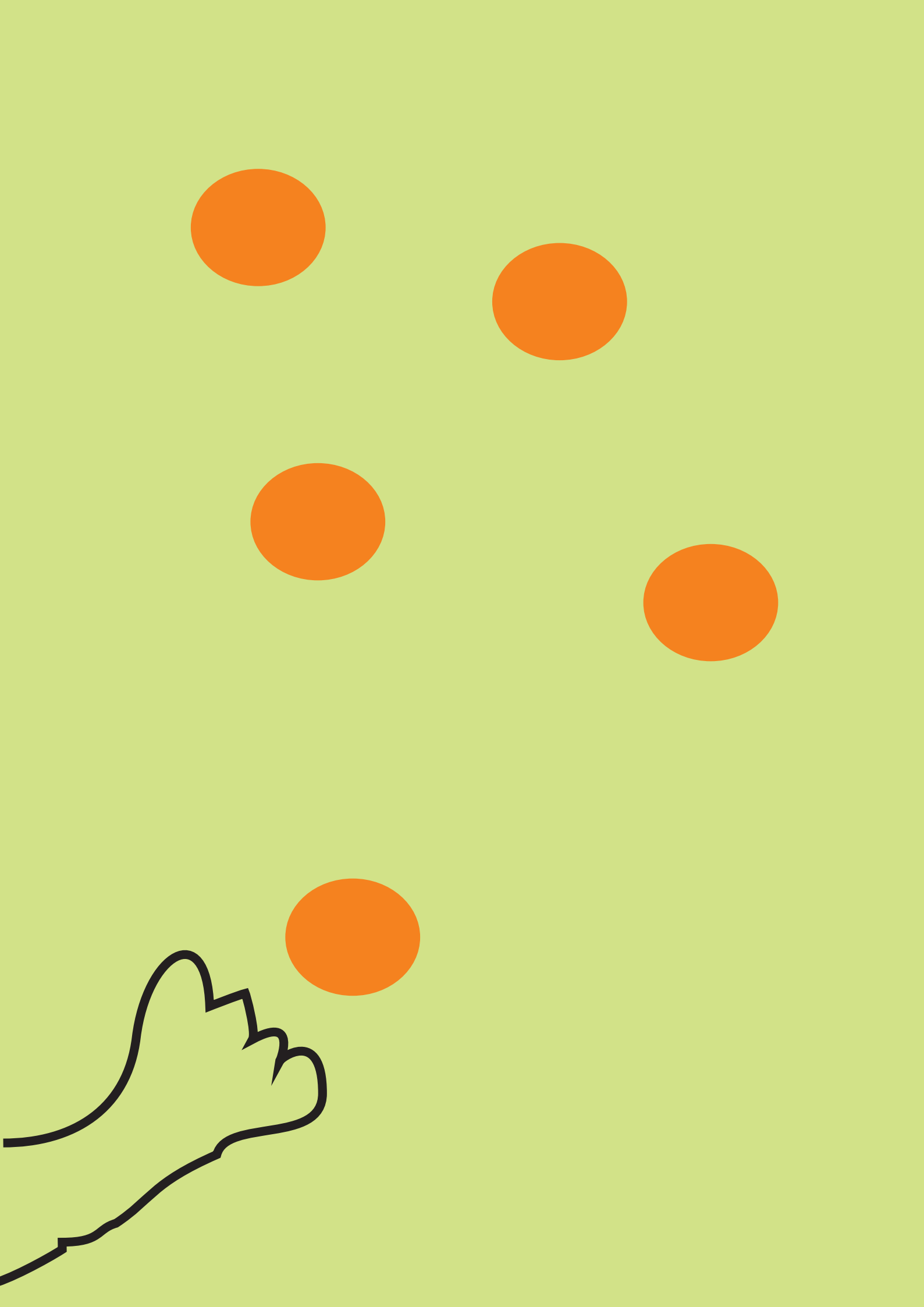
Logo a fada sou eu?

Ou quem sabe a fada seja aquela estrela no céu, a mamãe que sai todos os dias para a fábrica, o pai que tem as mãos calejadas de carregar tijolos, o tio que salva vidas, o sol que tem medo da chuva ou aquela senhora que mora sozinha na casa vizinha. Onde está a fada das crianças? Em mim? Em ti? Ou em todos nós?

---

<sup>1</sup> João Neto é um nome fictício e sua história é apenas um exemplo para ilustrar a violência que as crianças sofrem dos adultos todos os dias no mundo inteiro.





# Saudades daquela menina

**Priscila Aparecida**

Que saudades daquela menina

Que corria com o pé no chão

Pelo terrão daquela olaria

Em busca de emoção.

De queimada brincava,

A peteca jogava.

Sozinha ou acompanhada

Não se importava.

Pisava o barro,

O barro modelava.

Brincando com os irmãos

A guerra de barro rolava.

Rolava a bola

Era chute daqui, chute de lá!

E o gol acontecia

Quando o pai chutava lá!

Fantasiava-se de mamãe

E de professora também.

Da casa e dos filhos cuidava,

E aos alunos ensinava muito bem.

Hora de tomar banho

E ouvir a mamãe cantar.

Versos ou cantigas

A menina gostava de escutar.

Menina, hora de dormir!

Lá vem mamãe a história contar,

Afagar-lhe com o beijo

E sua bênção lhe dar.

Que saudades daquela menina!

# Boneca de pano

Minha boneca de pano,  
De “bruxa” mamãe chamava.  
Eu juro, não há engano,  
Como uma filha, eu a amava.

O vestido, um lindo modelo  
Enfeitadinho de fita,  
Outra fita no cabelo.  
Ela era mesmo bonita!

Tinha dedinhos nos pés  
E nas mãozinhas também,  
Nos dedinhos, dois anéis.  
Lembrar dela me faz bem.

**Rosa Regis**

Natal/RN – 18.02.2012



# Boneca de milho

Minha boneca de milho  
Com seus cabelos de fogo,  
Pra mim, tinha todo o brilho!  
Com ela não havia jogo.

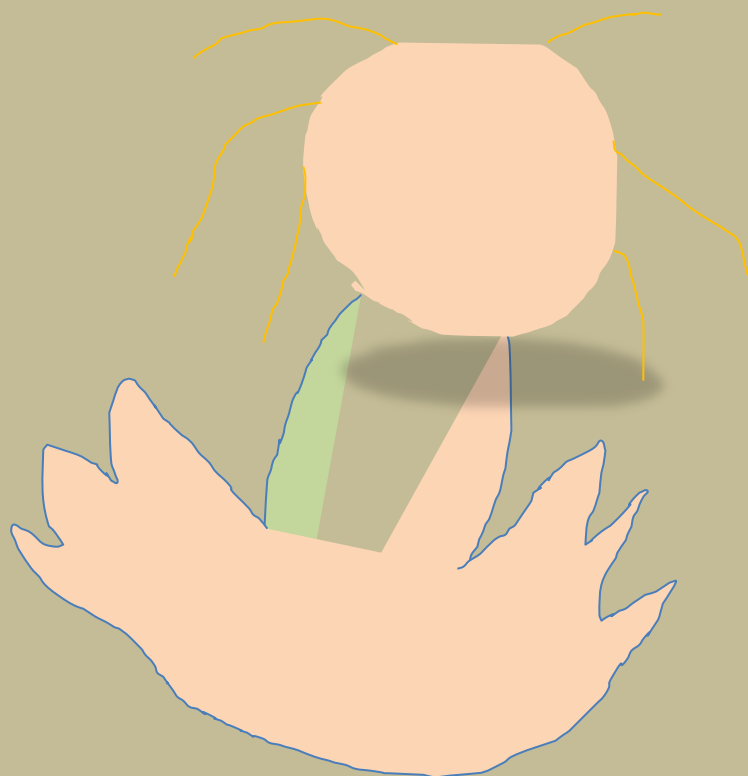
No roçado, ela enfeitava  
O verde da plantação  
Com o cabelo, que brilhava  
Ao sol quente do Sertão.

Era a minha companheira  
Para brincar de casinha  
Ou de outra brincadeira.  
Era, pois, minha filhinha.

Saudades tenho de ti  
Companheirinha querida!  
Com o tempo não te esqueci.  
És um marco em minha vida.

**Rosa Regis**

Natal/RN – 19.02.2012



## **Os meninos do Jerimum** **(Aos meninos do Jerimum,** **a Zezito, em especial)**

Os meninos do Jerimum<sup>i</sup>,  
Sendo muito pobrezinhos,  
Não tinha brinquedos chiques  
Não possuíam carrinhos.

Nem sequer soltavam pipa  
Pela falta do papel,  
Porém faziam de vara  
Um verdadeiro corcel.

E aí, o cavaleiro,  
Que era “o pai” na brincadeira,  
Montava no seu cavalo,  
Para ir “fazer a feira”.

Tinha o “cavalo de carga”  
E o “cavalo de passeio”  
Os dois se diferenciavam  
Pelo formato do arreo<sup>ii</sup>.

E quem preparava tudo  
De uma forma especial  
Era o menino Zezito,  
Um garotinho legal.

Ele fazia o cavalo,  
A cela, a cangalha e, enfim,  
Os arreios por completo,  
Perfeitos, pois, para mim.

Saudades daquele tempo  
E daquela garotada  
Que, hoje, só de lembrar,  
Sinto-me emocionada.

**Rosa Regis - Natal/RN – 20.02.2012 – 0032min.**

---

<sup>i</sup> Sítio Jerimum – Jacaraú-PB

<sup>ii</sup> Arreo – cabresto, Cia, cangalha, cela..., os paramentos dos Animais (cavalos, jumentos, éguas) que demonstra se o animal de carga ou um animal de montaria.







onde mora a  
menina negra  
que desenho agora?

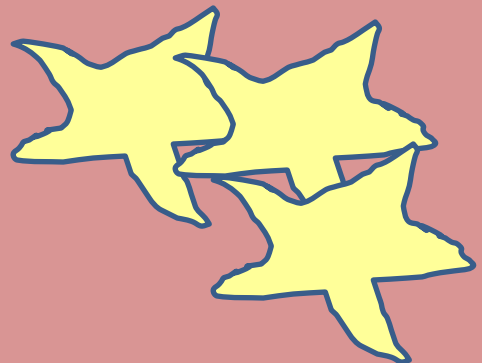
**Rosângela Trajano**

## Rosângela Trajano

De noite as sementes acordam  
Pela manhã elas são árvores  
E como toda criança  
Fazem travessuras  
Chupam mangas duras.

Meu pé de cajueiro  
Morreu menino.

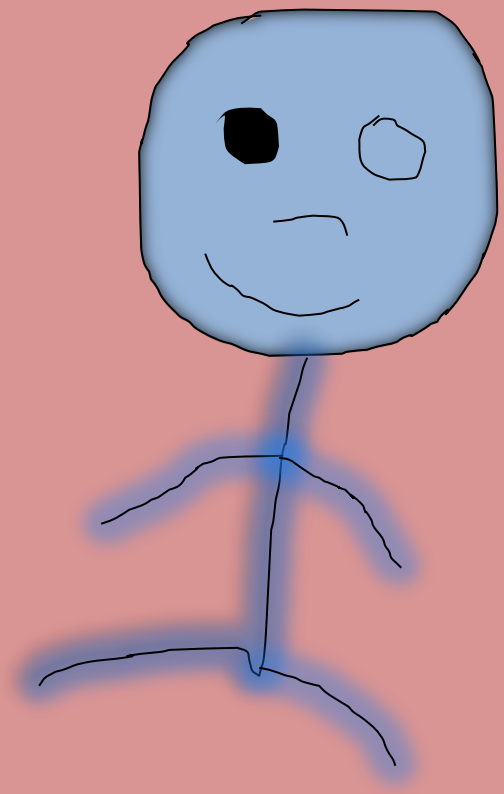
As três Marias  
Foram passear  
De fusca vermelho  
Sem saber acelerar.

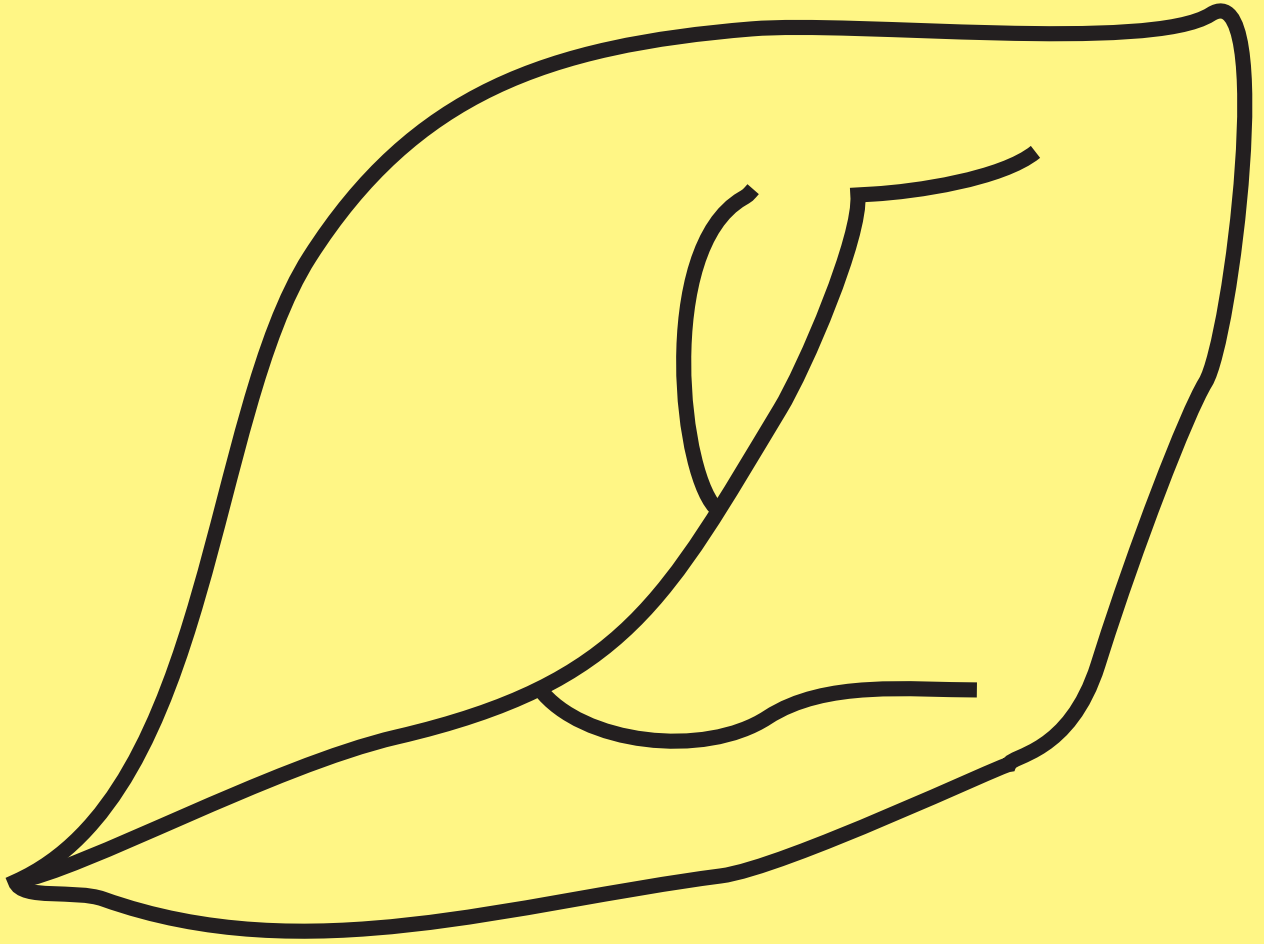


# Rosângela Trajano

Como pode  
Numa caixa  
De fósforos  
Morar 40 palitos  
E eu não?

Menino que reza  
Com sono  
Acaba dormindo  
No reino do Pai.





**Na última página do livro  
Achei uma folhinha de cajueiro.**

**Rosângela Trajano**

## **Lojão das redes**

**Rua Machado de Assis, 1355  
Alecrim - Natal - RN  
Telefax: (84) 3213-0496 - 8833-2334  
(por trás do Banco do Brasil)**